Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

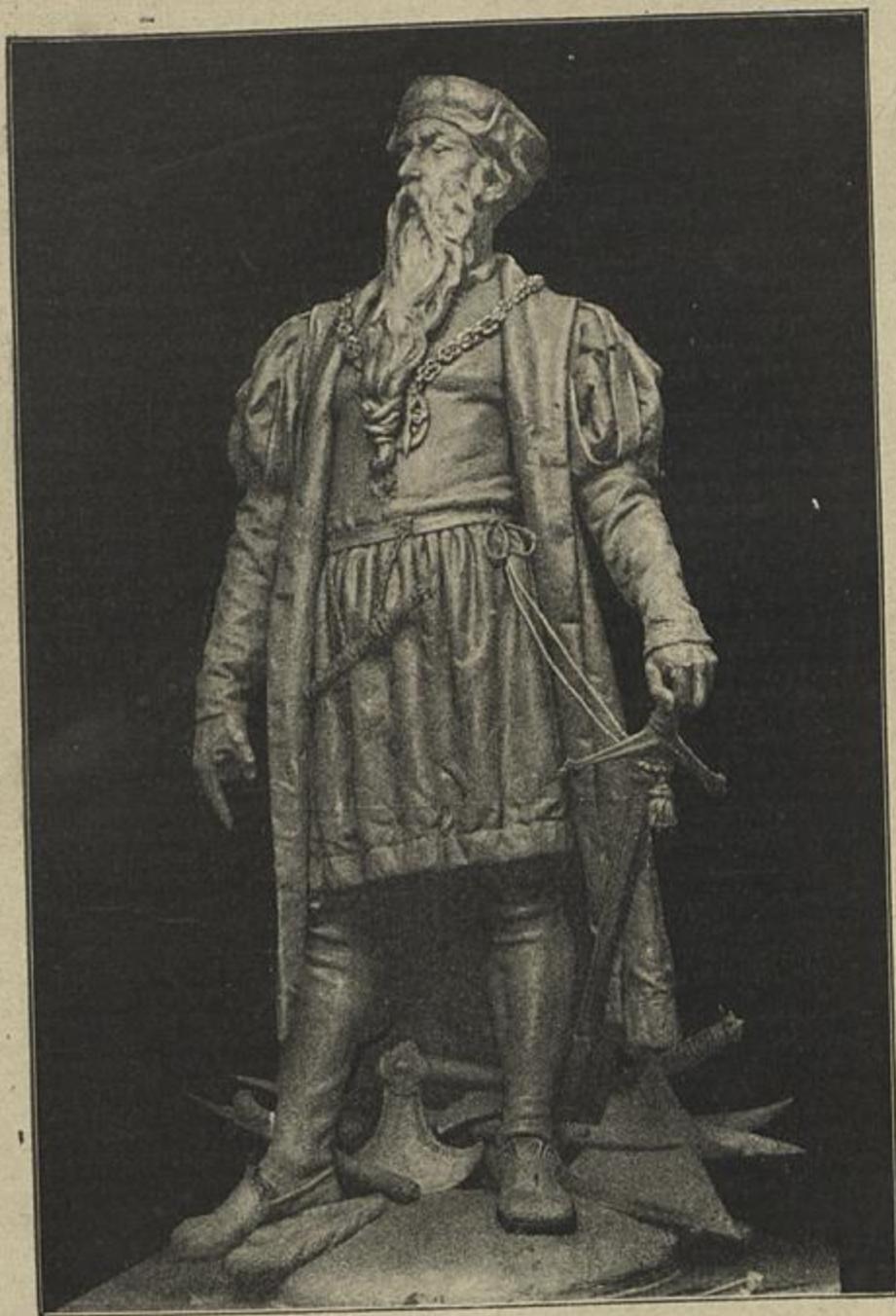
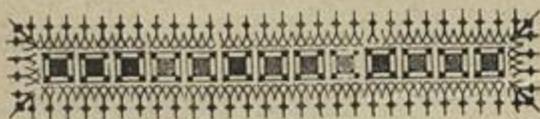
25.º Anno — XXV Volume — N.º 855

30 DE SETEMBRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ESTATUA DE AFFONSO D'ALBUQUERQUE
Esculptura do sr. Costa Motta

CHRONICA OCCIDENTAL

Ella governando o carro, o pae a seu lado, enlevado sempre na doçura de seus encantos, como iam contentes estrada fóra, n'aquella manhã de setembro, rutilante e suavissima! Já lhes ia ficando para traz a serra de Cintra com seus penedos acastelados e o rumor de seus pinhaes sombrios, que tanto ajuda chimeras dos que sabem illudir-se. Caminhavam para o oceano, que lá em baixo tambem cantava, pondo na areia sua grinalda de espumas brancas. Era o adeus da serra; era o mar que lhes dava as boas vindas. Como elles iam contentes!

Quem visse o Conde não diria que a engrenagem do tempo se ia preparando para lhe marcar a hora taciturna do entrar na velhice. Pois já, de quando em vez, alguma saudade haveria experimentado cantar em sua alma n'aquelle tom menor em que a lua no minguante, alta noite, se põe a espreitar por detraz das serras. É que elle ainda não tivera tempo para reparar na maior pallidez do céo, nem para ouvir na estrada a restolhada das primeiras folhas seccas por um vento mais frio desprendidas da arvore. Chega a ser bom envelhecer-se quando um amor nos enternece e aquenta. Levava á sua ilharga o mais resplendente abril. Olhando para a filha, ouvindo-lhe notas de seu coração transparente e vibrante como de cristal, um sorriso lhe era bastante para desfazer-lhe a nuvem tenue.

Que nome lindo era o seu, nome que é na historia santa todo um cantico de ternura! Para os de casa e para os amigos, que sobrenome de extremo affecto! Ai, quanta vez, n'aquella manhã elle o murmuraria extasiado!

Publicou o Conde de Sabugosa, ha muitos annos, pouco depois de casado, seus primeiros versos n'um jornal de Coimbra, em cuja universidade andava concluindo sua formatura. Fui eu que, primeiro, em minha casa, os mostrei a seu pae, o Marquez. Falavam d'um berço, d'uma creancinha, — estava o Vasco para nascer — e o Marquez pozse-lhe a voz a fugir, os olhos a encherem-se-lhe de lagrimas. Tanto da scena me lembrei quando me vieram dizer que o conde, por seu turno, já era avô!

Nasceu o Vasco, nasceram mais duas filhas aos Condes de Sabugosa e foram muito companheiros do meu filho e das minhas duas filhas que nasceram depois. Quantas vezes os vimos todos juntos brincando e as suas vozinhas alegres parecia-nos que desciam do céo como a das cotovias em madrugada fulgida. Quantas vezes passearam juntos n'aquellas mattas de Cintra! Chegavam a casa estafados e risonhos e deitavam-se nos berços, trinando n'uma deliciosa lingua de trapos a historia do seu dia. Ennovelavam os corpinhos sob a roupa, como as malvas e estevas da charneca, e adormeciam a sonhar com os anjos.

Morreu a filha mais velha do conde e foi enorme tristeza para todos.

Mas a outra ia crescendo forte, linda, maravilhosa perola, e os paes, ainda com mais amorosa devoção lhe beijavam a mãosinha que tecia sua felicidade, a sonharem que n'uma ultima caricia ella lhes havia de fechar os olhos.

Correram os annos bons para os Condes de Sabugosa, tão felizes n'este mundo, quanto elle em sua pequenez pode abrigar a ventura. Choviam sobre elles as bençãos de Deus, decerto invocadas pela benção dos homens.

Era esplendida a manhã e o Conde devia de ir a poetar muitissimo. Com a filhinha a seu lado, e ella tão contente, que mais queria elle do que o raio tepido d'uma primavera para desfazer as primeiras neves dos cincoenta annos?

E, em menos de meio minuto, quiz a brutalidade ferina do acaso que tudo se esfacelasse, realidades do presente, idealisações do futuro. A pobre creancinha ali ficou morta, o pae, ainda mais infortunado, apenas ferido, acordando de seu deliquio para negar-lhe o coração enlouquecido pela dôr o que seus olhos pasmados viam de sua desgraça.

Pergunta a gente a Deus de infinita bondade porque não ha de haver felicidade na terra e tanto nos devem assustar os bens com que nos favorece.

Tinham-lhes acudido umas santas mulheres do povo que por ali andavam trabalhando e que dentro em suas almas encontraram requintes de mimos e compaixão. Repousaram a cabeça da des-

D. MARIA DE MELLO
(Sabugosa)

graçadinha sobre almofadas, livraram do sol o delicado corpo já insensivel, ajoelharam a seus pés.

Parece que adivinhavam o que mais tarde lhe haviam de contar d'aquella cujo cadaver enternecedor assim rodeavam de religioso affecto. Deram-lhe suas lagrimas que o sol evaporou n'um subtil nevoeiro iriado, bastante para erguer aos céos a alminha sem peso d'uma só macula.

No pallido fim de tarde de outomno em que a acompanhámos ao cemiterio, scenario tão de molde para afagar tristezas do pensamento, iamos recordando muita coisa que vimos, outras que nos contaram.

A gente é que nem sempre repara, quando pode ou quando deve, no que passa em torno de nós; a memoria do coração vê melhor do que muita vez os olhos, que muita luz faz cegos. Ha criaturinhas que andam ao nosso lado e não reparamos que seus pés não tocam na terra; em seus olhos, em seu riso, ha sonhos que não são d'este mundo. Só depois se recordam casos, ditos que impressionaram um instante, que logo se quiz com agoiro esquecer, mas em que, mais tarde se reconhecem o gesto, o timbre da voz do anjo que n'aquelle corpinho habitava.

A chamma que brilhava intensa, fixa, com sua ponta direita erguida para o céo, como a de cirio n'um altar, apagou-se para sempre; mas, a cada hora que sôa, a saudade de sua luz entristece a lembrança. O dia mais negro do passado e de que mais se maldisse, atravez do muito espesso nevoeiro que o separa do presente, apparece agora todo luminoso. Punge o remorso das horas sombrias, desesperos, angustias soffridas por tão pequeninas miserias da vida. Como se não fôra bastante, para alegrar os dias, a convivencia d'um anjo, com um riso sempre para acompanhar e dar força ao riso, um sopro perfumado para desfazer uma nuvem, um beijo para limpar uma lagrima! Triste condão da humanidade o bem só conhecer em todo seu valor, quando o bem lhe foge!

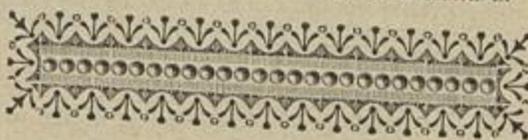
Por muito tempo, em casa dos Condes de Sabugosa ha de fluctuar o aroma delicioso de suas azas d'ella, que tão mansinhas se moviam n'um adejo, dos mais ignorado, para as altas regiões muito para além do azul; ha de fluctuar o ecco de suas canções murmuradas baixinho por sua alma tão pura como o setim dos lirios, tão carinhosa como o sussurrar d'uma fonte sobre os musgos densos.

Os Condes de Sabugosa teem mais filhos que todos herdaram as virtudes que tornam tão sympathica aquella familia sem uma excepção; têem uma filha, um encanto; têem uma neta. Ainda muitas auroras lhes hão de nascer, ainda que tenham a melancolia d'esta doirada tarde serena de setembro em que tristemente escrevo.

Parece que toda a vida foi hontem, que o dia d'hoje de tamanha dôr não ha de ter amanhã. Mas se as outras criancinhas ali estão!

A' noite em volta da mesa, no quieto conchego do circulo luminoso, quando os paes se distrahirem um instante da sua meditação ou das paginas do livro erguerem os olhos cançados, hão de sempre encontrar a luz d'outro olhar que os procura inquieto e desvelado. Sem que uma só palavra troquem, responde um coração ao outro, como rouxinoes amorosos. E' um exalar manso de amor, tão manso como o do perfume das verbenas pelo silencio da noite. E parece então que as antigas poltronas onde adormeciam os velhos avós, as mesas a que se encostavam, os quadros, os oratorios, sorriem todos, velhos amigos que guardam em si um bocadinho das almas dos que se foram.

Na casa velha onde fantasmas brancos deslisam discretos, na suave melodia que lhe cantam saudades, mais um descerá, abrindo sobre todos suas azas brancas de possante envergadura, sobre a cabeça dos paes, sobre a dos irmãos. Pairando no espaço, deixará sobre ellas cahir as bençãos de Deus, de Deus que a chamou a Si, Deus de bondade que a queria no céo.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

O monumento que vae ser inaugurado, no proximo dia 3 de Outubro, é o pagamento de uma divida que vem de quatro seculos, e que continuaria em aberto, não sabemos por quanto mais tempo, se não fôra a generosidade e civismo de um benemerito portuguez que a tomou a si por todos os seus compatriotas, para a solver briosa e dignamente.

Affonso d'Albuquerque, o fundador do Imperio Portuguez na India, foi tão grande, como grande foi o seu civismo, e pertence aos heroes da religião de um povo, que o devia divinisar e seguir seu exemplo, como o melhor esteio da sua fé e amor da patria com que se robustece e firma uma nacionalidade.

Se as invejas e as intrigas poderam impanar por algum tempo a luz brilhante que irradiava do heroe de Ormuz, Goa e Malaca, essa luz, como o sol que consegue desfazer as nuvens com seu calor intenso, irrompeu vigorosa, e atravessou os tempos até nossos dias, para ainda nos aquecer e animar com seus raios vivificantes.

Hoje, decorridos quatro seculos, Affonso d'Albuquerque tem para a geração presente maior grandeza ainda; tem a grandeza dos tempos passados, porque o seu valor foi real, e tem ido augmentando tanto, tanto, em cada lustro decorrido quanto tem ido degenerando successivamente as gerações.

E' assim que hoje contemplamos a sua estatua levantada na praça publica; bem alta na estatura physica, bem elevada na ideia do heroe que representa; tão grande, tão grande no conjunto, que nos sentimos todos pequenos ao comtemplal-a.

Foi em 18 de Agosto de 1891 que falleceu Simão José da Luz Soriano, um investigador da historia patria e que deixou os seus trabalhos impressos em 17 volumes da *Historia da Guerra Civil* e tantos outros.

Entre os diversos legados que instituiu encontrou-se o de 30:000$000 para se levantar um monumento a Affonso d'Albuquerque.

Para cumprimento d'este legado, abriram os testamenteiros, em 1893, um concurso publico entre artistas portuguezes, e nem menos de oito projectos de monumento se apresentaram, sendo preferido o que tinha a divisa *Flôr de le mar*, do esculptor Costa Motta.

E' esse o monumento que hoje se ergue na principal praça de Belem, defrontando o Tejo d'onde partiram tantas frotas a descobrir mundos e a conquistar terras para Portugal e gentes para a civilisação.

O monumento é em estylo manuelino. Ornamlhe a base quatro magnificos altos relevos representando quadros historicos da vida de Affonso d'Albuquerque na India, e são elles:

Os governadores de Gôa entregando as chaves da cidade a Affonso d'Albuquerque.

Derrota dos mouros na ponte de Malaca.

Affonso d'Albuquerque recebendo o embaixador de rei do Narsinga.

E' esta a moeda com que el-rei de Portugal paga os seus tributos.

No segundo corpo do monumento ha mais quatro altos relevos, representando caravellas e galeões e em cada angulo assenta uma figura de anjo.

Sobre este segundo corpo ergue-se uma columna composta de outras columnas formadas de cordas e flores do mar, como é do estylo, e sobre esta columna, rematada por um capitel todo florido, pousa a estatua fundida em bronze.

A fundição foi feita no Arsenal do Exercito.

A estatua tem a grandeza epica do heroe que ali revive inspirando o artista que a modelou.

O esculptor Costa Motta possuiu-se bem do assumpto, dando toda a imponencia á figura e não descurando os pormenores.

Augusto Carvalho da Silva Pinto, é o architecto que collaborou no monumento com Costa Motta.

Affonso d'Albuquerque tem uma estatua condigna, e hoje todos os portuguezes devem estar satisfeitos por vêr paga uma divida que era uma vergonha para Portugal.

Descendencia e representação d'Affonso d'Albuquerque

Parece ser uma condicção systematica de todos os nossos grandes homens, ou não terem deixado descendencia, ou a que deixaram haver-se extinguido ou diluido em tantas quebras de varonia, que se pode dizer ser uma representação quasi apocripha.

Eis o que diz um escriptor veridico a respeito d'este assumpto:

«Descendentes de Affonso de Albuquerque não ha nenhuns; mas na realidade o representante d'elle, o unico possuidor, ainda ha pouco, de bens que o grande capitão vinculou, é o marquez de Pombal. A casa de Villa Verde, a dos marquezes de Angeja, representa unicamente o irmão mais velho do famoso conquistador de Goa.»

Foi escrivão da puridade de D. João I Gonçalo Lourenço (de Gomide) varão famoso na historia e que tem a sua sepultura no claustro do convento da Graça de Lisboa. D'este foi filho João Gonçalves de Gomide, o qual casou com D. Leonor d'Albuquerque, filha de Gonçallo Vaz de Mello, o Moço, senhor de Castanheira, Povoa, &c e de D. Isabel d'Albuquerque. João Gonçalves matou a mulher sem causa, pelo que foi degolado, e os seus descendentes deixaram por esse motivo o apellido de Gomide, tomando o de Albuquerque.

O 1.º Senhor de Villa Verde foi Gonçalo Lourenço, o 2º foi João Gonçalves e o 3.º Gonçalo d'Albuquerque, seu filho.

Deste foi filho o grande Affonso d'Albuquerque, «cuja representação por se ter extinguido a descendencia tem sido e ainda é disputada entre varias casas.»

* * *

«A casa de Angeja é, e pelos Noronhas senhores de Villa Verde, sua varonia, a representante do 3.º senhor daquella villa, Gonçalo de Albuquerque, de quem Affonso foi terceiro filho.

E' curioso, que a favor dos Monizes senhores de Angeja, de quem os marquezes tambem são os representantes, chegasse a ser julgada a administração da capella instituida na igreja da Graça por Affonso de Albuquerque. E mais singular ainda é, que anno e meio depois disto, outra sentença tivesse declarado a D. Francisco Luiz de Albuquerque e Noronha, senhor de Villa Verde, legitimo e verdadeiro successor do morgado de Azeitão instituido pelo segundo Affonso. Quero dizer que por um pouco se não juntou nos Noronhas a administração de ambos os vinculos instituidos pelos dois Affonsos de Albuquerque. Nada disto comtudo succedeu, porque nenhuma das sentenças passou em julgado, como logo referirei.

* * *

«A casa de Pombal foi (1) a administradora da capella que Affonso de Albuquerque instituiu na igreja do convento da Graça de Lisboa. Era pois a unica, ha meia duzia de annos, que possuia bens, que houvessem pertencido ao conquistador de Goa.»

....

«Braz, o filho do vencedor de Ormuz, ficou se chamando, depois da morte d'este e por ordem del-rei, Affonso d'Albuquerque. Administrou a capella, e morreu pelos annos de 1580 ou 1581, não deixando filhos legitimos. Por este tempo do primeiro Affonso o parente mais proximo, que

---

(1) Recebo hoje (25 de julho de 1898) uma carta do meu velho amigo marquez de Pombal; della transcrevo o seguinte periodo: «Herdei os bens instituidos pelo grande Affonso de Albuquerque, vendi-os e remi a missa da Graça. Abolidos os vinculos, os encargos, principalmente pios, são difficeis de substituir, e para descargo de consciencia liquidei. E triste, não é? Mas não temos culpa de ter vindo a este mundo nesta época.»

existia, era, ao que parece, D. Luiza de Noronha neta de D. Constança, e mulher de D. Aleixo de Menezes, aio del-rei D. Sebastião. Apesar disto em 1588 já os frades da Graça estavam de posse dos bens da capella.»

«O filho bastardo do segundo Affonso, D. João Affonso de Albuquerque, intentou porém acção de reivindicação contra os frades. Appareceu pouco depois, como opponente no processo, D. Affonso de Noronha, bisneto de D. Constança de Castro, irmã do primeiro Affonso. Durante o pleito falleceu o opponente, mas logo se habilitou em seu logar sua irmã D. Violante de Noronha, mulher de Vasco Martins Moniz, senhor de Angeja.»

«Em 1593, ao que parece foi neste anno, alcançaram os frades na primeira instancia sentença favoravel, da qual immediatamente appellaram o autor e o opponente; e a Relação, em 10 de maio de 1603, deu um accordão favoravel a D. Violante, já substituida ao irmão. Em virtude d'esta resolução foram os gracianos obrigados a largar os bens e os frutos da lide contestada. D. João Affonso de Albuquerque desistiu, porém os frades ainda embargaram, mas sem resultado.»

«Ainda por aqui não parou a demanda, ao que parece, pois que encontro a referencia a uma sentença de 20 de junho de 1615, pela qual se declarou, que a administração dos bens da capella de Affonso de Albuquer que pertencia a D. Luiza de Menezes, neta de D. Luisa de Noronha e de D. Aleixo de Meneses, acima referidos, e terceira neta de D. Constança de Castro. A referida D. Luisa de Meneses póde habilitar-se a esta successão, em virtude de seu irmão D. Aleixo se ter mettido frade capucho.»

«Seria então a esta senhora que os frades da Graça foram obrigados a pagar em março de 1621 a conta da liquidação dos rendimentos, que importou num conto cento e sessenta e quatro mil e seiscentos e cincoenta réis.»

«Pela referida sentença de 1615 se vê, que os bens da capella não ficaram na posse de D. Violante de Noronha, nem na de seus descendentes, apesar da outra sentença acima mencionada.»

«Voltando a D. Luisa de Menezes, a venturosa litigante, direi que foi casada com o aposentador mór Lourenço de Sousa da Silva, a quem muito sobreviveu, bem como a todos os seus filhos varões.»

«Por morte de D. Luisa ainda se suscitou demanda sobre a tão disputada administração da capella da Graça. Succedeu nella a sua avó D. Luisa o conde de Santiago de Beduido, Lourenço de Sousa da Silva de Meneses; veiu-lhe porem disputar a posse sua tia D. Filippa de Menezes, mulher do almotacé mór Francisco de Faria. Foi a causa julgada a favor do conde em 20 de novembro de 1646.»

«Nos condes de Santiago se continuou a administração, até que pela morte, sem successão, do 4.º, Nuno Aleixo de Sousa da Silva, passaram os bens para sua irmã D. Luisa Maria de Meneses, de quem os herdou sua sobrinha neta a marqueza de Pombal D. Francisca de Paula do Populo de Lorena, que era a parenta, naquelle tempo, em grau mais proximo do instituidor. Da marqueza D. Francisca herdou os bens o ultimo marquez de Pombal, fallecido em 4 de outubro de 1886, pai do actual, e rendiam elles em 1885, com vi em documentos do cartorio da casa de Pombal, a quantia de cento e vinte mil e quinhentos réis, sendo de sete mil e quinhentos réis o seu encargo ao hospital.»

. . . .

«A casa de Mesquitella é a possuidora dos bens do morgado fundado pelo segundo Affonso de Albuquerque, filho legitimado do primeiro. Fóra o vinculo, de que era cabeça a quinta da Bacalhoa em Azeitão, instituido em 27 de janeiro de 1568 por Affonso de Albuquerque e sua mulher D. Maria de Noronha, filha do 1.º conde de Linhares, e neto do 1.º marquez de Villa Real.»

. . . .

«Affonso de Albuquerque, o de Azeitão, morreu em 1580 ou 1581 sem deixar descendencia legitima; mas deixou legitimado, e parece que chamado na successão, a D. João Affonso de Albuquerque. A legitimação foi confirmada por el-rei. Aqui, á morte de Affonso, começaram as interminaveis demandas. Sua segunda mulher e viuva, D. Catherina de Meneses, pretendeu succeder-lhe na administração do morgado, ao que o curador do enteado, que era menor, se oppoz, e, alcançando deferimento, esteve D. João Affonso na posse pelo menos até 1585.»

«Não foi pacifico porem este logro, pois que novos e muitos pretensores appareceram, e se originou porfiado processo, no qual se lavrou sentença na primeira instancia em 15 de novembro de 1604.»

«Desta sentença consta, que a primitiva autora havia sido D. Luisa de Noronha e Albuquerque, viuva de D. Aleixo de Meneses, a qual depois desistiu. Consta tambem, que foram muitos os oppoentes, dos quaes uns abandonaram, outros desampararam a causa, e que então eram já só quatro os pretensores, a saber: D. Francisco Luiz de Albuquerque e Noronha, Pedro Barreto de Albuquerque, Jeronimo Telles Barreto de Albuquerque, e D. João Affonso de Albuquerque. Consta mais, que ao tempo era D. João Affonso quem possuia a quinta de Azeitão, em que lhe haviam sido assignados os alimentos.»

«Entre os litigantes preferiu o juiz a D. Francisco, a quem julgou pertencer a administração do morgado, não por ser o parente mais proximo, mas por estar em linha mais directa de Gonçalo de Albuquerque, o avô commum, cujos descendentes haviam sido chamados para a successão.»

«Não se conformou Jeronimo Telles com esta sentença. Interpoz aggravo, e alcançou provimento na Casa da Supplicação em 14 de agosto de 1608.»

«Fundaram-se os juizes no facto de Jeronimo Telles ser neto de Pedro Barreto, a quem havia de ter pertencido em vida a successão do morgado, por ser, como bisneto de Gonçalo de Albuquerque, o seu parente em grau mais proximo existente ao tempo em que ella faltou. Morto Pedro Barreto, transferiu-se a instancia da causa em seu neto Jeronimo, que era legitimo e verdadeiro successor do morgado, e por tal o declararam.»

«Ainda por aqui não findou a demanda. Requereu D. Francisco Luiz revista, e, concedida ella, decaiu de todo por accordo do Desembargo do Paço de 10 de julho de 1618. Desde então ficaram pacificos na posse, em que já estavam, os Albuquerques Barretos, que, para dizer mais certo, já eram Albuquerques Manueis.»

«Effectivamente Jeronimo Telles pouco tempo administraria o morgado, pois que, sendo a sentença, que lh'o deu, de 14 de agosto de 1608, em 21 de novembro de 1610 pertencia a quinta a sua irmã D. Maria de Mendoça.»

«Esta senhora havia casado com D. Jeronimo Manuel, o Bacalhão, filho de um cadete da casa da Atalaia, o qual foi porteiro-mór, e depois de viuvo capitão-mór da armada da viagem da India no anno de 1615. A alcunha de D. Jeronimo reflectiu-se provavelmente na mulher, a quem chamariam a Bacalhôa, e, por ella ser a verdadeira senhora da quinta, se ficaria esta chamando desde logo, no vulgo pelo menos, da Bacalhôa.»

«Parece-me isto mais verosimil, em quanto algum documento não mostrar o contrario, do que suppôr que á quinta proveiu o nome de uma senhora. D. Francisca de Noronha, que mais de um seculo depois administrava a casa por seu marido, que era terceiro neto do Bacalhão, por uma linha muito arredada de Mendoças e Guedes, linha em que se não repetiu o appellido Manuel, nem a alcunha, que já estaria esquecida, se não tivesse ficado desde logo ligada ao nome da quinta.»

«Tinha esta a sina de se não conservar por muito tempo na mesma familia, e de originar demandas. Dos Barretos passou logo aos Manueis, d'estes em breve trecho aos Mendoças, d'estes aos Guedes de Murça, e de aqui a um Mello dos da calçada do Combro, D. Antonio José de Mello. N'esta altura surgiu a ultima demanda.»

«Foi ella intentada pelo visconde de Mesquitella, D. José Francisco da Costa, que a venceu, e entrou na posse do morgado da Bacalhôa, que transmittiu a seus descendentes, que deixaram chegar a celebre quinta quasi ao ultimo estado de ruina, de onde, segundo oiço, a estão modernamente arrancando, e, praza a Deus, que seja com critica artistica e apurado gosto.»

«O antepenultimo dono da Bacalhôa, D. João Affonso da Costa de Sousa de Macedo e Albuquerque, 2.º conde de Mesquitella, foi criado duque de Albuquerque em 1886, o que não tira nem põe para dar mais direitos á representação do grande Affonso de Albuquerque, que foi o que se pretendeu; porque a dos Albuquerques Gomides essa sem duvida está nos Angejas.»

«Morreu o duque de Albuquerque em 24 de setembro de 1890».

«Por sua morte passou a Bacalhôa a seu irmão D. Luiz, o 3.º conde de Mesquitella, ha pouco fallecido (foi isto escripto em 1898), e hoje possue-a seu filho o armeiro-mór D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo e Albuquerque, actual (1902) 4.º conde de Mesquitella, que gose d'ella por muitos annos».

* * *

«A casa dos Telles de Mello, antigos secretarios do conselho de guerra, foi administradora do morgado a que pertencia a famosa casa dos Bicos em Lisboa».

«Pelos fins do primeiro quartel do seculo XVI edificou o segundo Affonso de Albuquerque na Ribeira de Lisboa, junto ás portas do Mar, uma casa, á qual pela ornamentação, tão extravagante, como deselegante, da frontaria, deram o nome de casa dos Diamantes ou dos Bicos, nome com que ficou. E' muito provavel que Albuquerque durante a sua viagem de 1519 á Italia, onde foi no sequito da infanta D. Beatriz, duqueza de Saboia, encontrasse lá ou em Ferrara, ou em Bolonha, o motivo que lhe inspirou tal devaneio de ricaço».[1]

«Quando o segundo Affonso em 1568 instituiu com sua primeira mulher o morgado de Azeitão, formou o não só da quinta e suas pertenças n'aquella aldeia, mas tambem das suas casas em Lisboa ás portas do Mar, como já atraz fica dito. Estas casas são indubitavelmente a casa dos Bicos, e por aqui se vê que ellas tambem ficaram vinculadas ao tal morgado. Em 1581 morreu o instituidor, deixando um unico filho e esse bastardo, porem legitimado. D. João Affonso de Albuquerque era o seu nome. Metteu se elle de posse da fazenda do pae, mas foi afinal excluido da successão do morgado de Azeitão, e comtudo sabe se que herdou a casa dos Bicos, pertença d'esse morgado Como foi isto?... Não encontro documento que o explique; os autores meus conhecidos, que tratam directa ou incidentalmente desta materia, nem a resolvem, nem sequer nella tocam, o que mostra que nada sabiam; tenho só pois diante de mim a conjectura».

E' isto o que extractamos de mais positivo do livro — *Brasões da sala de Cintra*, e dos artigos do *Jornal do Commercio*, publicados ha pouco, pelo Sr. Anselmo Bramcamp Freire, e que elucidam completamente o assumpto.

R.

PONTOS DE VISTA SOBRE ARTE

(Apontamentos)

Recordo me de ter lido, não sei onde, que os objectivos para a producção artistica são: a necessidade em traduzir n'uma forma definida o que o proprio espirito sente; a gloria; o interesse material. Estes objectivos poderiam, em relação a arte, synthetizar-se respectivamente em: *sinceridade*, *vaidade*, e *mercantilismo*, formando tres grupos.

Ao primeiro d'estes grupos pertencem os artistas honestos, mais ou menos dotados pela natureza de faculdades criadoras; ao segundo, os que, nas mesmas condições, obedecem a uma, quasi sempre falsa, orientação do publico que tem de os julgar. (A fusão d'estes dois grupos é frequente). O terceiro e ultimo é constituido pelos que fazem da arte um commercio ou industria. Incontestavelmente o primeiro grupo merece a maior consideração. E' tremenda, porem, a luta dos seus apostolos, e raros são os victoriosos.

As decepções succedem se umas após outras; d'ahi a impopularidade que os condemna ao ostracismo das suas obras e terminam por os impellir na pleiade dos que só visam á *gloria*, embora mais ou menos ephemera. Ei-los vencidos.

A arte nada perderia se, porventura, entre esses renegados, não houvesse algum dotado de faculdades artisticas extraordinariamente notaveis. Quantas vezes, porem, tal não succede?...

. . . .

A verdadeira obra de arte, em musica como em qualquer outra sua manifestação, raras vezes se impõe no primeiro momento. Os factores que concorrem para a sua genese são por tal forma complexos, que não é dado poder rapidamente assimilá los.

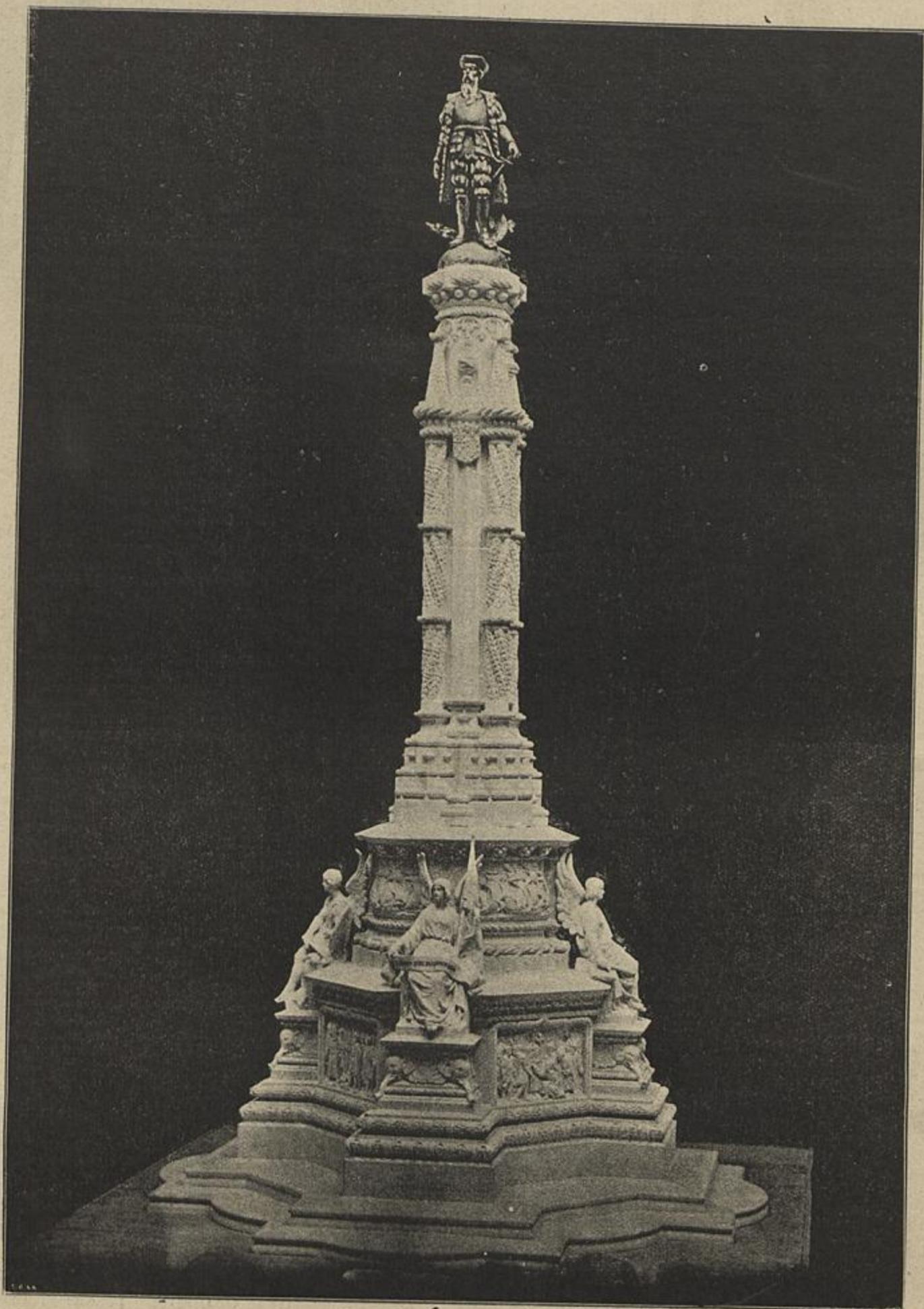
. . . .

Em que consiste a verdadeira obra de arte?...

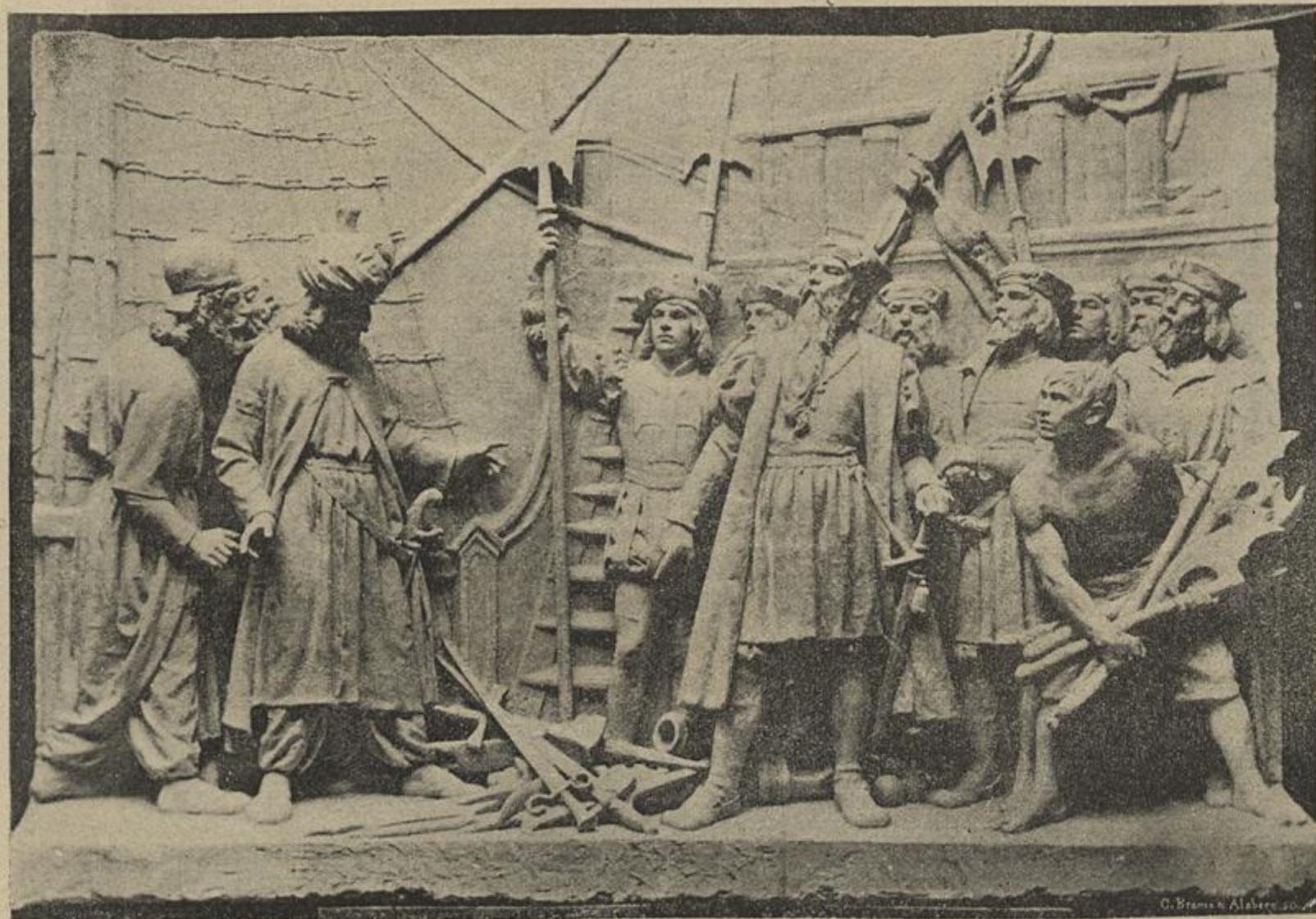
É assumpto arduo para desenvolver, que de certo não attinge a minha competencia. Será porventura uma especie de equação da idéa e da forma, cuja realização é quasi sempre inconsciente!...

A faculdade puramente inventiva parece-me poder deixar de patentear se na *ideia*. Um interessante artigo publicado num dos ultimos numeros do *Mondo Artistico*, de Milão, sob a epigraphe «Plagiato» diz a este proposito:

«A caracteristica, a verdadeira importancia de uma obra de arte, não consiste na materia tratada mais sim no modo de a tratar. Um artista pode ser original sem, comtudo, inventar ideias, basta

[1] Tambem em Hespanha se encontram muitos exemplares d'aquella ornamentação. — *R.*

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE — *Do esculptor sr. Costa Motta e architecto sr. Silva Pinto*

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

O ESCULPTOR COSTA MOTTA NO SEU ATELIER

«É ESTA A MOEDA COM QUE EL-REI DE PORTUGAL PAGA OS SEUS TRIBUTOS»

Alto relevo no monumento de Affonso de Albuquerque — *Esculptura do sr. Costa Motta*

que as desenvolva habilmente, que as revista de uma forma sua, caracteristica, individual, inseparavel do seu ideal artistico.

....

A arte é feita de resultados e não de intenções».

....

As impressões faceis produzidas immediatamente no *grande publico* não devem inspirar absoluta confiança para o futuro de qualquer obra de arte, e as obras de arte que não duram são inuteis, não teem razão de ser.

....

Ha cerca de 27 annos, quando em Paris se dava pela primeira vez a *Carmen*, de Bizet, no theatro da *Opera Comique*, perguntei a um amigo meu que me tinha acompanhado a uma das representações da notavel partitura, qual tinha sido realmente o exito d'aquella opera em Paris; respondeu-me: «*à part quelques morceaux agréables, c'est assommant... à peine un succès d'estime*».

Passados poucos mezes, a *Carmen* triumphava, não só em Paris, mas em toda a parte onde se cantava. É ainda para notar que os *morceaux agréables*, a que o meu amigo se referiu, são precisamente aquelles que hoje se resentem um pouco da *idade*. No *assommant* de 1875 estava comprehendido nada menos que o duetto final do 4.º acto entre Carmen e José, que, é hoje, passado um quarto de seculo, considerado um modelo da musica dramatica moderna. Bizet teria a consciencia do valor da sua obra?...

....

Achando-me tambem em Paris na occasião em que ia cantar-se pela primeira vez na Grande Opera (1885) o *Cid*, fui convidado por Massenet para o ensaio geral da sua nova opera. Alguns dias antes d'esse ensaio tinha ouvido na *Opera Comique* a *Manon* pela Heilbronn, Talasac e Taskin.

Esta ultima opera, que eu já conhecia de leitura, e que reputo uma das obras primas do eminente compositor francês, produziu-me ao ouvi-la no theatro, a mais profunda impressão de arte. Voltando a estar com Massenet depois do ensaio do *Cid*, ao despedir-me, disse-lhe como que ainda dominado pela impressão causada pela sua *Manon*: «*Je salue l'auteur de Manon*».

... Elle repondeu-me, quasi despeitado: *Et le Cid?...*». Caí immediatamente em mim e reconheci a inopportunidade das minhas palavras que procurei attenuar o melhor que pude. Conclui que Massenet ligava maior importancia ao *Cid*, cujo valor artistico me parece inferior ao da *Manon*; referindo-se a esta disse-me elle apenas: *Manon..., ça roule*».

É quasi proverbial em todos os artistas terem sempre maior predilecção pela ultima obra que produzem; só mais tarde, a sangue frio, veem a rectificar as suas primitivas opiniões.

Hoje, que são passados 17 annos, a *Manon* é considerada, com justa razão, uma das joias mais preciosas do repertorio moderno.

Não deverá, portanto, deduzir-se que as verdadeiras obras de arte se produzem insconscientemente?

....

Uma das cousas que mais concorre para atrophiar as faculdades criadoras do artista, é, a meu ver e como já disse, a má orientação do publico que tem de o julgar.

Um estudo interessante a fazer seria a psychologia do publico de theatro. Este tribunal supremo a que incumbe *sentencear* poderia dividir-se da seguinte forma:

O grande publico, isto é, os que vão ao theatro meramente para se divertirem; cuja perceptibilidade é refractaria a qualquer manifestação artistica que lhes não suggira uma idéa já sua conhecida, e como tal os não obriga a lucubrações de espirito para que não estão dispostos nem preparados.

O publico intellectual, um limitado numero de pessoas que, quando muito, trocam entre si as impressões recebidas e portanto em nada podem concorrer para um exito ruidoso.

Finalmente, *o publico snob*, que, ou segue inconscientemente a opinião dos eruditos, ou só encontra bom o que não percebe mas finge perceber.

....

Esqueceu-me tratar no logar competente do terceiro grupo de artistas (!?...) a que já me referi no começo d'estes apontamentos. Verdade é que a arte nada tem que ver com elles. Limitar-me-hei, pois, a dizer que os seus productos são meramente de caracter industrial, podendo a qualidade ser melhor ou peior, conforme as habilitações profissionaes d'aquelle que as fabrica. Não são artistas, são *operarios de arte*.

Augusto Machado.

Transcripto da *Revista do Conservatorio Real de Lisboa*, de Agosto n.º 4.

CRENÇA E LEI

«Offerece-te a mim, e dá-te todo por Deus, e a oblação será acceita.»

Da imitação de Christo, livro 4.º, capitulo 8.º.

Uma das caracteristicas mais significativas de superioridade do homem em face das demais especies de seres vivos que povôam a terra é o phenomeno das religiões.

Phenomeno tanto mais notavel quanto é complexa a sua textura e difficil senão impossivel de destrinçar o termo inicial em que foi realidade. De que eu tenha conhecimento só o islamismo póde ser acompanhado precisamente desde a hora em que Mahomet concebeu o Alcorão até o momento actual.

Essencialmente psychicas as religiões escapam no amago da consciencia aos processos ordinarios de observação e de analyse experimental a que estão sujeitos muitos phenomenos do mundo physico de dominio absoluto dos sentidos.

O Christianismo apresenta algumas obscuridades relativas ao viver de seu divino fundador no periodo que decorre a partir da discussão famosa com os doutôres até á epoca em que Jesus dá começo a sua missão sublime de regeneração da humanidade. As religiões antigas de que as gerações finadas foram adeptas constituem apenas actualmente uma fonte mais ou menos legitima para estudos largos e thema apropriado a exercicio de erudição.

Pondo de parte as narrativas biblicas e abstraindo mesmo de todas as tradições e de todos os monumentos do passado nós somos levados a encontrar a primeira manifestação de crença religiosa no ambito mysterioso da propria consciencia.

Dadas as condições do ser intelligente e as tendencias inherentes á natureza humana é forçoso que o primeiro ou os primeiros progenitores de nossa especie tenha ou tivessem ficado absôrtos diante do espectaculo do Universo. Tudo ahi era revestido de novidade e de molde a accentuar no animo do espectador a idéa de sua acção quasi nulla e de seu nenhum valimento.

Com o rodar dos tempos a curiosidade estimulou pouco a pouco os homens primitivos, fortaleceu lhes a vontade e installou-os na soberana realeza que lhes era permittido exercer sobre todas as coisas que os cercavam.

O seu dominio porém ficou sempre inferior á meta de seus designios e alguns elementos testemunharam sempre de um poder mais alto.

A noção de Deus parece-me portanto que foi a primeira a irradiar no espirito na aurora dos seculos.

Depois, o desenvolvimento da familia humana, as necessidades instantes e os incitamentos de appetites e de paixões grosseiras disseminaram seus membros respectivos por logares diversos e fizeram nascer outras tantas familias ou grupos ainda mal delineados.

A principio questiunculas pequenas logo transformadas em luctas ambiciosas de posse cavaram separações mais e mais profundas, verdadeiros abysmos que tornaram os homens inimigos irreconciliaveis uns dos outros.

É provavel que fosse então que certos espiritos alevantados e nobres aos quaes não agradavam actos mesquinhos e que tinham a nitida comprehensão da Eterna Belleza, tentassem abrandar odios fratricidas chamando as gentes á contemplação da verdade sublime estampada na face luminosa d'estas coisas grandes de que nós é defêso penetrar a estructura intima e a que chamamos, Terra, Agua, Céo!

Esta porventura terá sido a origem de revelação externa para as religiões ou antes para a Religião, visto ser um Deus unico sua fonte necessaria e a chamma inextinguivel que a alimenta, não obstante as mil fórmas extravagantes de todos os cultos, as praticas singularissimas de todos os ritos e as phantasias de imaginação de todos os innovadores.

Todos os povos do mundo conhecido desde as epocas remotissimas a que lograram chegar investigações historicas e terminando pelas noticias de navegadores modernos e contemporaneos dão conta de pontos de analogia que approximam logicamente as crenças que se suppõem mais extranhas. Uma crença nem é um facto accidental nem uma acquiescencia ou uma alienação puramente dependentes de determinação individual ou collectiva, é algo de imponderavel na esphera organica do ser racional demonstrando intrinsecamente pela adhesão plenissima do eu o fundamento moral e extra-mundano em que assenta.

Só uma crença afervorada pelos conceitos da razão podia converter-se em irradiar benemerente de uma alma eleita, dando fructos da pureza d'aquelle de onde extrahi esta epigraphe: «Offerece-te a mim, e dá-te todo por Deus, e a oblação será acceita.»

Palavras de excellencia quasi divina são em verdade antidoto seguro no meio de tribulações e de calamidades.

Advertem ao christão n'um tom suavemente amoravel que não esqueça o Crucificado que o resgatou de culpa, apontando-lhe o caminho certo de paz eterna; dizem-lhe que se resigne com humildade, acceitando sem movimentos de cólera as contrariedades da vida.

De facto, que lucra o homem em sua revolta mesquinha e em sua agitação transitoria e ephemera?

Emquanto elle se revolve na miseria da propria fraqueza passa a tempestade que lhe derriba a habitação e vem a epidemia pestilencial que lhe aniquila o organismo apodrecendo-lhe as carnes!

Resignemo-nos aos decretos insondaveis do Suprêmo Ente, não façâmos côro com tantos infelizes que affirmam que o ser humano desce inteiro á campa: assim como há scintillações indefiniveis na estrella que nos deslumbra, assim tambem ha veus impenetraveis em nosso mesmo intimo! «O povo, disse Renan, não é de modo algum materialista.» Sejâmos povo na crença porque estaremos em communhão com os verdadeiros sabios. Quem póde negar á Fé legitimidade intrinseca, desde que a historia proclama sem contestação possivel a authenticidade das scênas do Calvario?

Oremos pelos finados e não olvidemos a preparação da morte que assoma a cada momento: mantenhamo-nos firmes no posto do dever e sobranceiros a toda a categoria de obstaculos e de difficuldades: digamos sempre conforme dizia Santo Agostinho: «Non crederem Evangelio nisi me Ecclesiae catholicae commoveret auctoritas.»

Os templos-sanctuario mystico da Divindade, e os tribunaes-sanctuario symbolico das leis, são, na vida já tantas vezes secular da humanidade os dois grandes barometros de seu destino, pelos quaes se explicam e determinam os periodos aureos e as vicissitudes tenebrosas da civilisação.

O culto, livre de impurezas em sua manifestação espontanea e o respeito, obediente ao preceito das legislações no fôro da consciencia integrando-se n'um mesmo todo psychologico e presidindo estreitamente unidos a iniciação moral e ao progresso intellectual do individuo e da especie dariam ao mundo o espectaculo suggestivo de pacificação perfeita na marcha evolutiva das sociedades.

É n'este sentido que importa encaminhar os esforços generosos das collectividades que se inspiram no bem commum e legitimo de seus membros e outrosim guiar no officio sempre nobre de mentor todos os entes que reunem em suas pessoas os requisitos indispensaveis e naturalmente indicados pelo bom senso como instrumento educativo dos povos.

Eis um trabalho colossal a que devem applicar-se com escrupulo dirigentes de governação publica e homens dados a cogitações profundas de gabinete, porque d'elle depende a segurança do tempo actual e a tranquillidade expansiva do futuro.

Se fosse possivel attingir graus superiores na medida intrinseca de capacidade ethica de nossa especie não tendo tido antes um ponto de partida revelado authenticamente e posto em execução com energia de vontade e madureza de raciocinio, se isso fosse possivel, o homem haveria caminhado á mercê de circumstancias fortuitas e quando conseguisse resistir ás forças cegas da natureza, vencendo-as, seria absurdo monstruoso de materialidade informe em sua mente embrutecida no gôso sensual da carne a luz irradiante d'um ideal divino e a submissão voluntaria a regras contidas em formulas de lei.

Todavia, as proprias sociedades da antiguidade oriental para cuja intelligencia era lettra morta a promessa de Redempção primitiva e em cujo ephemero modo de ser politico avolumava como causal de primazia e significado de opulencia a posse de grande numero de escravos, semelhantes sociedades acatavam deuses e buscavam disciplina não obstante o objectivo da primeira d'estas coisas ser constituido por estupidez grosseira e o da segunda traduzir-se de continuo pelo despotismo cruel mais desenfreado.

O sentimento religioso como a noção de justiça transparecia n'aquelle nascer e sumir de imperios saudados pela ruina dos vencidos, embriagados pelo delirio das victorias e suffocados em agonia de sangue pelo ferro de novos-vindos á partilha do triumpho. O primeiro conquistador feliz que a audacia de rapina levantou á supre-

macia do mando sobre seus companheiros de aventura tinha composto a aria temerosa do hymno de morte e de destruição, violentas, que se compadecia com o idolo tôsco e irrisorio a que prestava homenagem repugnante.

Então, referveram paixões sem bussola extranha á peripheria dos sentidos e suppuraram degradantes correntes homicidas.

Só Israel fazia excepção de contraste quanto ao principio fundamental de sua crença e na consentanea elaboração de seu codigo.

Egypcios, assyrios, medos, persas, babylonios, phenicios, India, China possuiam systemas exoticos de doutrinas e figuras burlescas de veneração; mas nenhum d'estes povos filiava sua ascendencia com a nitidez de certeza e a precisão cathegorica de linguagem escripta que offereciam os hebreus na pessoa de Moysés, o mais antigo entre os historiadores conhecidos e o mais convincente na simplicidade e singeleza inexcediveis de sua narrativa empolgante.

A idéa religiosa, não bastando para conter excessos em quem appellava para a força como argumento em todas as situações da vida, não poude servir de escora aos descendentes dos filhos dos homens e quando o *boi apis* perdera sua representação nas cidades do Nilo tambem os deuses de Ninive, de Tyro e de Nabuchodonosor, lançados á margem de curioso titulo tradicional, cediam o logar ante o papel preponderante que as divindades gregas iam assumindo no espirito das multidões submettidas ao jugo de Alexandre Magno.

A Grecia teve no culto do Olympo e nas legislações de Lycurgo e de Solon a causa primordial de seu civismo admiravel a que a posição geographica, o terreno accidentado e o recorte das bahias imprimiam realce maior.

Depois, a ambição desregrada e immoral arrefecendo a fé e alheando do justo respeito á lei preparou o caminho para o sorvedoiro tumular da patria, applanando todas as difficuldades que surgiam em contraposição aos designios de Filippe, de Macedonia.

Entre os judeus, não obstante as luctas de partido, precedidas por dissidencias graves, e a catastrophe do captiveiro, os dois motores grandissimos de humana vida na cadêa dos tempos — a lei sagrada e a lei profana — haviam revestido uma tal feição expressivamente indelevel que hebreu algum esqueceria nunca a scena magestatica do Sinai e o ponto da terra onde Salomão fizera edificar o templo sumptuoso, habitação de Jehováh.

Quando os romanos levaram a effeito a conquista da Hellade e mais tarde subjugaram a Judéa tomára já raizes em seu organismo o morbo de dissolução a que o brilho das lettras no seculo de Augusto não impediu incremento pernicioso e que havia de traduzir-se afinal n'um estado de anarchia salutar em que a luz do Evangelho introduziria uncção e ordem.

Differente de Búda, de Brama, de Confucio, de Zoroastro, de Mahonet, Jesus, judeu de nascimento, accrescentando apenas um preceito de amor á lei moysaica e á palavra dos prophetas distingue claramente a Moral do Direito e annuncia a formula singular e exclusiva de regeneração social no cumprimento humilde do dever de consciencia da creatura para com seu Creador e do cidadão para com o Estado.

Deus e a Lei! — O templo, sanctuario da Divindade e o tribunal, sanctuario da Legalidade! Dois sanctuarios pois, cada um dos quaes, isolado, não evita perturbações resultantes de falta de equilibrio estavel nas harmonias sociaes e na existencia collectiva das nacionalidades.

No quadro immenso de todas as crenças religiosas que no decurso dos seculos ampararam a humanidade em seus passos incertos nenhuma, como o Christianismo, houve cunho elevado de proeminencia, substancia philosophica de inviolavel pureza, serenidade fortificante para as instituições que a ella se valem.

A prova eloquentissima de seu vital poder uberrimo está na série de pontifices que se teem sentado na cadeira de Pedro durante um periodo de quasi 2:000 annos!

Ao passo que a desordem se manifesta nos paizes cujos habitantes e cujos governos fazem consistir a suprêma felicidade no ocio que a riqueza faculta e no sorriso ironico de si proprios nos braços de orgulho soez e de egoismo sordido um velho com o nome de Leão 13, que sabe distinguir entre o trigo e o joio e entre os desejos torpes e as santas esperanças proclama do seu cantinho do Vaticano como habil timoneiro de uma barca singrando no seio de atmosphera vulcanisada, que ha só um pharol capaz de dirigir a familia christã e a humanidade inteira a porto de abrigo e salvamento — a cruz do Homem-Deus, e só uma norma regular de procedimento na terra — o respeito á lei.

«Je viens faire devant vous l'éloge de la loi.»

Foi assim que deu principio a uma conferencia perante operarios convalescentes, n'um domingo, 18 de novembro de 1866, em Vincennes, o conhecido professor francez Charles Waddington.

A lei é, com effeito, garantia maxima de manutenção da ordem e seu unico sustentaculo.

Sem leis teria sido impossivel o progresso e a civilisação na existencia do homem.

A influencia benefica da religião na consciencia dos povos e a acção poderosa das crenças na vida das gerações são, de facto, elemento valioso proprio ao aperfeiçoamento moral da creatura, mas não demovem tendencias desordenadas de ignorantes e má indole de caracter.

Os seculos primitivos não serão talvez revelados em toda a luz brilhante da verdade historica: se, porém, o fossem haveriamos de assistir na evolução dos tempos á consequente adopção pelas sociedades humanas rudimentares de certas formulas ou regras de conducta impostas tacitamente a todos os seus membros.

O espectaculo grandioso da Natureza é espelho deslumbrantissimo de principios surprehendentes.

Desde o fundo dos mares e das entranhas da terra até á superficie das aguas e aos cumes nevados das cordilheiras; do grão d'areia perdido na vastidão das praias e da raiz do pequenino arbusto solitario até á ramaria frondosa das mattas virgens do Novo mundo e á proeminencia dos continentes; dos infimos só visiveis pelo microscopio até aos corpos celestes que o telescopio adivinha e á irradiação veloz da luz solar tudo desempenha o seu papel no funccionamento organico do Universo, tudo executa movimentos indispensaveis na harmonia geral do conjuncto, tudo, n'uma palavra, obedece a leis absolutas e inconfundiveis.

Não podiam portanto os nossos antepassados de epocas remotas da antiguidade deixar de receber a impressão directa dos factos naturaes, permanecendo indifferentes em contemplação dos phenomenos physicos regulares e constantes ou em lucta de cannibalismo perfeito.

Dominados pelo que viam de extranho ao imperio de sua vontade e ao alcance material da força bruta de que dispunham chegaram, certamente, logo nos primeiros momentos de sua aurora a accôrdo pleno quanto a necessidade de preceituar entre si algumas regras de governo sem as quaes acabariam no anniquilamento de violencia e de morte.

Atacados, provavelmente, pelos animaes ferozes tiveram de combatel-os unidos e fôram formando lentamente as aggremiações primitivas.

Depois, constituiram tribus e de tribus passaram a nacionalidades, contando legislações, codigos fundamentaes cujo modelo typico foi sem duvida o *Decalogo*, do Sinai.

Poderão concepções arrojadas de philosophos geniaes seduzir o espirito das multidões e impellir a marcha da humanidade para novos trilhos, o que nunca lograrão todos os systemas de philosophia e todas as theorias dos sabios é produzir um corpo de doutrina tão homogéneo e tão concisamente verdadeiro e sublimado como aquelle de que Moysés foi receptaculo e transmissor.

Alguns seculos mais tarde, diria um outro judeu infinitamente superior ao fallecido no monte Nebo: «Eu não vim para destruir a lei e os prophetas, mas para lhes dar cumprimento.»

Das legislações primévas, coparticipantes no estado rude e brutal de que ainda não se libertára completamente a alma humana passou se pouco a pouco a melhor comprehensão de dignidade e a mais logica interpretação de direito.

Surgiram fundadores de Estados concomitantemente facundos legisladores nacionaes.

A historia trouxe até nós os nomes celebres de alguns d'esses vultos giganteos, corroborando pelo testemunho de factos luminosos qual seja o valor intrinseco das leis quando acatadas devidamente por aquelles para quem se estatuem.

Egypcios, assyrios, babylonios, medos e persas firmaram dominio e ostentaram poder solido emquanto ambições criminosas lhes não annullaram a cohesão disciplinar, destruhindo-lhes e apagando-lhes o prestigio de triumphos.

Se as leis de Solon e de Lycurgo tivessem vigorado com sua redacção genuina em Sparta e Athenas, a Grecia antiga não desceria a muitas miserias vergonhosas e a terra que foi berço dos maiores engenhos de nossa especie e lição perduravel em todos os primores imaginativos da Arte ficaria sendo tambem mestra impagavel de sã politica e de bom governo.

Os romanos fizeram egualmente uma carreira triumphal até á hora em que excessos abusivos de paixões partidarias perturbaram o seu modo de ser politico e prepararam vias seguras á entrada e invasão dos barbaros, que se dariam pressa em castigar os devassos de sexo duvidoso, descendentes d'aquelles varões distinctos que largavam a charrua e acceitavam o mando, não para enriquecer á custa do thesouro do Estado mas para salvar a patria de situações afflictivas embora com risco de vida.

O sensualismo bestial dos ultimos imperadores romanos, em cujo animo o Christianismo não pesou cedeu ante o vigor de hordas não contaminadas de vicios asquerosos e submissas á vontade de seus chefes.

Em breve, os barbaros, deixando se malear pela evangelização dos monges fundaram monarchias florescentes no interior das quaes a soberania da lei occupava logar legitimo.

E' escusado levar mais longe o meu pensamento: o respeito da lei fortifica os homens no bom conceito das coisas e ergue as nacionalidades até o nivel moral de perfeição politica.

Isso explica satisfatoriamente a grande felicidade relativa de que gósa a nação Suissa, aliás, tão exigua de territorio e tão minuscula na população que abriga.

Fóra da Crença, prova mystica da existencia de Deus, e da Lei, expressão clara na ordem dos mundos e principio fundamental dos codigos humanos só ha treva e occaso, só ha confusão e anarchia.

D. Francisco de Noronha.

OPHELIA

De pé, no meio do carcere estão dois homens: um é o principe Oscar, o outro, o carrasco.

A luz vacillante da lanterna alumia sobriamente a scena terrivel que precede de ordinario o supplicio.

«Perdoo-te, diz Oscar ao verdugo, que ajoelha; mas quero saber a causa da minha morte.

«O rei enamorou se de vossa esposa, porque tem os olhos verdes como esmeraldas, respondeu o algoz; e elle havia jurado não sentar no throno senão uma princeza que tivesse os olhos d'essa côr... E' por isso que deveis morrer esta noite.

O principe treme de furor e raiva.

«Tenho aqui um thesouro que tu nunca viste nem sequer em sonhos, exclamou o principe, atirando uma bolsa aos pés do carrasco; será tua se permittires que eu veja esta noite minha mulher!

O executor da justiça vacilla; mas as promessas do principe acabam por seduzil-o e cede...

«Só até a meia noite, diz elle, guardando a bolsa cheia de ouro que o preso atirara ao chão.

«A' meia noite, conclue Oscar, estarei na ponte dos Tres Arcos; juro pela salvação da minha alma.

Meia hora depois achava-se o principe aos pés de sua mulher.

Ophelia, a pallida formosa dos olhos verdes, encostava a fronte abrasada ao hombro do seu marido, chorando amargamente Estava branca, fria como o marmore dos sepulcros, e os seus cabellos soltos cobriam-n'a como manto de fios de ouro.

Oscar, a quem a belleza de sua mulher tirara o valor para realizar o proposito que levava, arremessou para longe o punhal com que pensara dar-lhe a morte, afim de livral-a das perseguições do rei.

«Fujamos, exclamou a infeliz esposa no auge do terror. Ainda não soou a meia noite e podemos esperar longe d'estes Estados...

«Ninguem escapa á colera do rei, minha adorada Ophelia. Alem d'isso dei ao carrasco tudo quanto tinha para vir ver te... A unica salvação possivel é morrer!

O trovão rugia ao longe e o vento silvava pelas ameias do castello.

A camara, fracamente alumiada por uma riquissima lampada de prata, illuminava-se a espaços com a azulada luz dos relampagos que penetravam pela rasgada janella

A princeza tremia abraçada a seu marido.

Subito, Oscar levanta-se espavorido e com o assombro pintado no semblante. Ophelia cai de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos. Um silvo agudo cruza os ares, e vai perder-se ao longe nos ultimos confins da montanha.

A chuva cai a torrentes. O vento abre com estrepito a colorida vidraça, e ao deslumbrante fulgor das exhalações descobre-se o homem da mascara negra, em pé, na ponte dos Tres Arcos.

«Approxima se a meia noite: minha querida

NECROLOGIA

DR. RAPHAEL VIRCHOW — FALLECIDO EM 5 DO CORRENTE

Ophelia, ou morrer ou ceder á vontade do tyranno. Se te assusta a morte, deixo-te em liberdade.

«Estás-me ultrajando, acode Ophelia, levantando-se tranquilla e com sublime expressão; antes de ser do rei, eu mesma darei fim á vida... Mas já agora aproveitemos os momentos que nos restam, e bebamos pelo nosso amor e pela nossa passada felicidade...

E falando assim, apresenta ao principe um copo de ouro que contem um precioso licor.

Oscar bebe até a ultima gotta, olhando docemente a esposa. Ophelia parece uma estatua de alabastro. O homem da mascara negra espera de pé na ponte dos Tres Arcos.

Ouve-se segundo assobio, ao bater da meia noite no relogio do castello. O principe estremece. Ophelia continua severa e tranquilla. Extasia-se o principe aos pés de sua mulher; parece esquecer a realidade da sua situação desesperada; sente que uma força superior alli o retem.

Em quanto os olhos se lhe vão fechando, diz á princeza mil palavras amantes, dulcissimas, e ardentes juramentos que ella escuta com triste sorriso, mas seguindo anciosa os effeitos do narcotico que no aureo copo acabava de offerecer-lhe.

Poucos momentos depois, Oscar adormece profundamente; a princeza escreve com tremula mão poucas linhas em um pergaminho, explicando ao marido o seu procedimento e o que elle deve fazer para escapar á colera do rei: em seguida põe a capa e o gorro de Oscar, não sem dirigir um olhar sombrio para a ponte dos Tres Arcos.

«Não morrerás, diz, olhando para o marido que jaz em lethargo; eu é que morrerei antes que ser do rei.

Ouviu-se terceiro assobio no silencio da noite. A luz da lampada vacilla, o relampago rasga as nuvens e illumina o campo deserto.

Ophelia sai precipitadamente da camara.

Ao pé do muro acha-se um homem com um manto preto e uma mascara. A princeza approxima-se-lhe envolta em uma capa até os olhos. O trovão ruge como leão enjaulado.

Momentos depois ouve-se o ruido que faz um corpo pesado ao submergir-se nas aguas.

Na ponte está um homem: o rei.

«Ophelia é minha, exclama, e os labios entreabrem-se-lhe com um sorriso que faz estremecer os proprios condemnados.

O carrasco afasta-se a toda a força de remos para com o seu bote ganhar a margem opposta.

A ultima dobra da capa que cobria a desventurada Ophelia desapparece da superficie das aguas...

. . . .

Decorridos poucos dias houve na praça publica da cidade uma terrivel execução.

O rei mandára esquartejar o carrasco por ter deixado fugir do carcere certo réo condemnado á morte.

O principe Oscar, ao saber do desastroso fim da sua amada Ophelia, perdeu de todo a razão.

Franz.

NECROLOGIA

DR. RAPHAEL VIRCHOW

Está de luto a Sciencia pela morte d'um dos seus mais afamados cultores.

Morreu no dia 5 do corrente, em Berlim o Dr. Raphael Wirchow, anthropologista notavel e parlamentar vigoroso, que, quer na sciencia, quer na politica foi um luctador tenaz que deu que fallar de si em todo o mundo.

O professor Virchow nasceu na Pomerania em 13 de Outubro de 1821.

Vigoroso d'espirito e de corpo a sua vida foi de constante trabalho a que só os annos e a enfermidade poz termo.

Em 1880 esteve em Lisboa como membro do congresso anthropologico, e então melhor se poude apreciar de viso proprio todo o vigor d'aquella intelligencia e robustez previlegiadas, apesar dos seus 59 annos.

Publicou diversas obras e especialmente sobre anthropologia cujo estudo lhe mereceu especial attenção, devendo-lhe esta sciencia muitos dos seus progressos.

Condemnando as theorias de Darwin sustentou brilhantemente que o homem não descende do macaco.

Assim como as suas discussões scientificas ficaram memoraveis, do mesmo modo defendeu no parlamento allemão, o partido liberal, atacando Bismark, que teve n'elle adversario temivel.

METEOROLOGIA

Setembro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	764,7	25,7-17,3	P. Nublado	SSE	0,0
22	762,8	26,3-18,2	Nublado	W	0,0
23	765,3	23,5-16,8	P. Nublado	N	0 0
24	767,4	23,0-15,1	Alg. Nuvens	»	0,0
25	766,0	25 2-15,3	» »	»	0 0
26	763,7	26,0-18 0	» »	NE	0,0
27	763,9	26,8-17,2	Limpo	NNE	0,0
28	761,9	25,6-17,4	Alg. Nuvens	»	0,0
29	759,0	23,5-17,9	» »	SSW	0,0
30	756,4	19,7-14,5	Nublado	W	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

O tempo continuou, em 21 e 22, como o tinha estado desde 16, demasiado quente, com temperaturas um pouco superiores á normal. Em 23, devido á elevação da pressão atmospherica, e viração para o N, a temperatura baixou um pouco, refrescando as noites sensivelmente: em 24—15°,1). A partir de 26, e com baixa barometrica accentuou-se de novo o calor o qual se manteve até 28, com vento predominante do quadrante NE. Em 29, uma depressão do SE avança até á nossa costa, produzindo-se uma baixa de pressão bastante sensivel, grande descida da columna thermometrica, e aguaceiros fortes em 30.